



EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA NA ESCOLA: PERCEPÇÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

VIEIRA, Jéssica Silvia dos Santos¹; CALIXTO, Jean Michel Seixas²; CARDOSO, Larissa de Melo³; SOUZA, Bruna Cecim⁴; MICHILES, Romina Karla da Silva⁵; SILVA, Jaqueline Monique Marinho da⁶; AMORIM, Minerva Leopoldina de Castro⁷; LOPES, Kathya Augusta Thomé⁸

Eixo Temático: Educação Física e inclusão escolar

RESUMO

Para a realização deste estudo optamos por uma abordagem qualitativa, mais especificamente, o estudo de caso. Este trabalho tem como objetivo conhecer a percepção de alunos com deficiência física em relação à sua inclusão nas aulas de Educação Física. A amostra foi composta por quatro alunos com idade entre 9 a 14 anos que estudam na rede regular de ensino. A técnica utilizada foi uma entrevista com pergunta aberta, guiada por uma questão norteadora “Qual a sua percepção como aluno com deficiência das aulas de Educação Física?”. Foi utilizada a Análise de Conteúdo: Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado, desenvolvida por Moreira, Simões e Porto para analisar os dados. Através da percepção dos alunos, tivemos como resultado que a inclusão dos mesmos está vinculada a três fatores: relação social, participação nas aulas e acessibilidade.

Palavras-chaves: Deficiência Física; Educação Física; Inclusão escolar.

¹ Graduada, Universidade Federal do Amazonas, Manaus – Amazonas, jessica.silvia323@gmail.com

² Acadêmico, Universidade Federal do Amazonas, Manaus – Amazonas, jmshel1990@gmail.com

³ Acadêmico, Universidade Federal do Amazonas, Manaus – Amazonas, larissademelocardoso98@gmail.com.

⁴ Mestranda, Universidade Federal do Amazonas, Manaus – Amazonas, cccimbruna@gmail.com

⁵ Mestre, Universidade Federal do Amazonas, Manaus – Amazonas, romina.michiles@gmail.com

⁶ Mestre, Universidade Federal do Amazonas, Manaus – Amazonas, jaque.m.marinho@gmail.com

⁷ Doutora, Universidade Federal do Amazonas, Manaus – Amazonas, mimicastro@hotmail.com.

⁸ Doutora, Universidade Federal do Amazonas, Manaus – Amazonas; klopes@ufam.com.br.



INTRODUÇÃO

De acordo com Glat e Pletsch (2011), a inserção dos alunos com deficiência no ensino regular era realizada de acordo com um modelo denominado de integração, onde os alunos estudavam com as pessoas sem deficiência. Porém, eles só eram integrados na medida em que demonstrassem condições de acompanhar a turma, além de receber apoio especializado paralelo.

Mas por influência de diretrizes internacionais, esse modelo voltou-se para a inclusão. A fase da inclusão surge na década de 80 e se desenvolve na década de 90 no Brasil, nessa fase, a responsabilidade de adaptação passa a ser do sistema educacional a criar condições de ensino para a necessidade do aluno.

A Educação Inclusiva surge para dizer que todos devem ter direitos e que a diversidade nos caracteriza. Segundo Carneiro (2008), a educação inclusiva trata-se de uma política para impedir separação ou discriminação no sistema educacional, buscando gerar acesso e permanência de todos. Além disso, busca garantir o nível de escolaridade que é direito de todo cidadão.

Em 1994, a Declaração de Salamanca proclama que as escolas regulares com orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias e que estudantes com deficiência e altas habilidades/superdotação devem ter acesso à escola regular, tendo como princípio orientador que as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras (BRASIL, 2006).

Na escola, a proposta de inclusão de pessoas com deficiência, ainda apresenta sérias dificuldades, sobretudo no que se refere ao atendimento na rede pública de ensino. Pois, a inclusão é um processo amplo, com transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive da própria pessoa com deficiência (SASSAKI, 1997).

Desta forma, é importante conceituar a educação inclusiva que, de acordo com Carvalho (2014), é uma instituição de ensino regular para todos os alunos, com ou sem deficiência, que além de trabalhar o conhecimento universal, também tem a responsabilidade de realizar os processos de aprendizagem de acordo com as particularidades de cada aluno presente na escola.

Embora a compreensão sobre as deficiências tenha tido avanços, esses indivíduos ainda encontram obstáculos no cotidiano, devido a inúmeros fatores como as péssimas condições de transportes públicos, calçadas inadequadas, ensino profissional precário e até mesmo falta de acessibilidade à saúde e à prática de atividades físicas.

O acesso às atividades físicas por esta população é restrito, por serem necessários cuidados desde a adaptação de atividades até a utilização de recursos para locomoção. Sendo assim, a melhor maneira de saber a experiência e a perspectiva do indivíduo é obtendo as informações por meio da própria voz da pessoa, dando oportunidade para dissertar sobre a sua vida pessoal e relatando como eles se sentem em relação a sua deficiência.



O objetivo desta pesquisa foi conhecer a percepção de alunos com deficiência física em relação à sua inclusão nas aulas de Educação Física.

MÉTODOS

Para a realização deste estudo optamos por uma abordagem qualitativa, mais especificamente, foi utilizado o estudo de caso. O local escolhido para selecionar os participantes da pesquisa foi o Programa de Atividades Motoras para Deficientes (PROAMDE) na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Foi traçado o perfil dos participantes para a pesquisa e os mesmos deveriam atender aos seguintes critérios: possuir deficiência física, estar matriculados em escola de ensino regular e não apresentar dispensa médica para participação nas aulas de educação física. Como critério de exclusão, os alunos não poderiam ter comprometimento intelectual que pudesse impedir os mesmos de se expressarem verbalmente nas entrevistas.

176 pessoas atenderam ao primeiro critério; para o critério 2, apenas 7 alunos estudavam; no critério 3, permaneceram os 7 alunos, porém 3 deles possuíam comprometimento intelectual. Desta forma, 4 alunos atenderam aos critérios da pesquisa.

Sendo assim, a amostra foi composta por quatro alunos (A1, A2, A3, A4) com a faixa etária de 09 a 14 anos de idade, de ambos os sexos. Todos os responsáveis assinaram a sua participação de modo voluntário através da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e/ou Termo de Assentimento. O protocolo de pesquisa foi delineado conforme as diretrizes propostas sobre pesquisas envolvendo seres humanos. O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas – UFAM com o número do parecer 2.961.373.

A técnica utilizada foi uma entrevista semiestruturada com perguntas relacionadas a questões sobre a percepção do aluno com deficiência acerca da sua inclusão na escola. Antes de iniciar as entrevistas foi realizada uma pequena conversa com o aluno. Foi utilizado um roteiro com questões abertas que guiavam as entrevistas através dos tópicos principais do assunto¹⁶. Para registrar os dados obtidos, as entrevistas foram gravadas. Para a análise dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo: Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado, desenvolvida por Moreira, Simões e Porto (2005).

As entrevistas foram transcritas na íntegra, da versão verbal para a versão escrita, de modo a preservar as características da linguagem geral de cada integrante da pesquisa. A partir disso, ocorreu a identificação de atitudes, fases em que o pesquisador recortou do discurso os valores presentes através da leitura exaustiva dos depoimentos de cada um, com o objetivo de gerar indicadores e posteriormente, criar categorias que possam servir de referencial para a interpretação do fenômeno pesquisado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



A importância da proposta de educação inclusiva veio se intensificando e tem sido apresentada pelos professores, pais, familiares e outros profissionais com conotações diferenciadas, porém é necessário sabermos o que os próprios alunos com deficiência sentem e pensam a respeito do assunto para identificar as necessidades dos mesmos. De acordo com os resultados do estudo, a percepção dos alunos acerca da sua inclusão está vinculada a três fatores: relação social, participação nas aulas e acessibilidade.

Quadro 1 – Categorias da pergunta: Qual a sua percepção como aluno com deficiência das aulas de Educação Física?

Categorias	Alunos				%
	1	2	3	4	
Apresenta dificuldades em fazer amigos, em ter suas capacidades respeitadas e reclama da falta de acessibilidade.		X	X		50%
As aulas são lúdicas incluindo atividades de tabuleiro.	X			X	50%
Existem atividades excludentes, os próprios colegas excluem, tem medo de rejeição devido às experiências de preconceito.			X	X	50%
O aluno apresenta vontade em participar, em aprender esportes, responde bem às ordens do professor e interage bem nas atividades que participa.	X	X		X	75%
Possui relação amigável com os colegas, inclusive do sexo oposto. Além de socializar por meio das brincadeiras e conversar sobre diversos assuntos.	X	X		X	75%
O aluno possui características de timidez, tem dificuldades em se relacionar e desta forma, tem poucas amizades. E os colegas desconhecem como auxiliar a pessoa com deficiência.		X	X		50%
Gosta do professor e da aula que o mesmo realiza.	X		X	X	75%
Professor tenta incluir aluno e incentiva o mesmo, além realizar adaptações nas atividades e nos esportes.		X	X		50%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

A tarefa do professor é complexa, pois deve compatibilizar os interesses do grupo com aqueles que possuem deficiência, atendendo as características individuais de cada um. A3 relata que “a maioria das vezes o professor traz um esporte que é possível realmente adaptar para a cadeira de rodas, tipo basquete, handebol, rugby. Só o futsal que ele deu um jeito pra eu participar”. Porém outro participante relatou que o professor ainda leva atividades excludentes para as aulas, A4 diz que “Lá eu brinco de esconde-esconde e pega-pega. Tem pular corda, mas eu ficava só olhando por que não posso, eu só girava a corda, mas isso cansa”. Sobre a relação com seus colegas nas aulas, A3 relata “Eles fazem bullying comigo porque tem um cadeirante lá se metendo, poxa tem que... Acho que eu ando normal como uma pessoa normal, eles não tem que ligar



porque eu ‘tô’ na cadeira de rodas, isso que me deixa triste. Na escola eu tenho poucos amigos só”.

Segundo Carvalho (2014), a exclusão nem sempre é visível, como a que se manifesta por comportamentos de rejeição explicitados na separação física, pode-se apresentar também como formas dissimuladas e simbólicas.

Desse modo, é fundamental que o professor conheça o aluno com quem irá trabalhar. Ou seja, devem-se conhecer os aspectos dos alunos como o tipo de deficiência, idade em que a deficiência apareceu, quais funções estão prejudicadas, dentre outras. Isso se relaciona as falas do A3, quando o mesmo diz “o professor quando explica algum assunto, tipo, esporte normal, ele dá um jeito de tipo, adaptar pra mim, ele que dava um jeito de sempre me incluir porque se fosse por mim mesmo, não daria certo, eu não ia e sempre ficava de fora”.

Em um estudo feito por Carvalho (2016), foi realizado questionamentos aos professores sobre as dificuldades que os mesmos encontram ao ministrar aula para as pessoas com deficiência. Poucos mencionaram como barreiras, suas atitudes frente à diferença dos alunos. Alguns atribuíram ao sistema que não dão as condições necessárias para trabalhar com a diversidade.

Além das mudanças culturais, pedagógicas e de atitudes, uma escola inclusiva necessita de acessibilidade, ou seja, precisa de mudanças arquitetônicas. A3 relata que se sente excluído devido problemas na acessibilidade quando diz “teve uma festa lá dos alunos, eu paguei um ingresso só que não teve acessibilidade aí tive que pegar meu dinheiro de volta. Era em um lugar que tinha escada aí eu não pude ir, mas eu queria muito ir”.

CONCLUSÕES

O estudo apresentou os relatos dos participantes que permitiram conhecer a percepção de alunos com deficiência, oportunizando uma reflexão sobre os aspectos relacionados à educação inclusiva. Os resultados relacionaram-se à participação dos alunos nas aulas que ainda possuem momentos de exclusão nas atividades, demonstrando despreparo dos profissionais nas aulas; à relação social revelando boa interação com o círculo social ao qual pertencem e às dificuldades com acessibilidade.

Desta forma, para haver efetivamente a inclusão, é necessário a melhor formação dos profissionais e a aceitação da comunidade escolar, de modo a iniciar pelos dirigentes e professores, sendo agente modificadores da realidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais** – orientações gerais e marcos legais. Brasília: MEC/SEESP, 2006.



CARNEIRO, M.A. **O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns:** possibilidades e limitações. 2. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

CARVALHO, R.E. **Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico.** 6 ed: Porto Alegre: Mediação, 2014.

CARVALHO, R.E. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”:** 11. Ed. (revista atualizada) Porto Alegre; Mediação, 2016.

GLAT, R.; PLETSCH, M.D. **Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais.** Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2011.

MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. **Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado.** R. bras. Ci. e Mov. 2005; 13(4): 107-114.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos,** Rio de Janeiro: WVA, 1997.